

## **CONSELHO MUNICIPAL DE CULTURA DE LARANJEIRAS DO SUL – PR**

Aos poderes Legislativo e Executivo do município de Laranjeiras do Sul.

### **Considerando:**

1. Os poderes delegados aos Conselheiros pelo artigo 2º do Estatuto do Conselho Municipal de Cultura de Laranjeiras do Sul entre eles a função PROPOSITIVA;

2. A Lei Municipal 024/2022 que trata da nomenclatura das instituições de ensino municipais que em seu artigo Art. 1º determina: “O nome das futuras instituições de ensino públicas a serem instaladas no município de Laranjeiras do Sul –Paraná, deverão obrigatoriamente ser nominadas com nomes de pessoas com carreira e notório reconhecimento por serviços prestados a educação do município.”

3. A Lei nº 10.639, que incluiu no texto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB - Lei nº 9.394/1996) a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira em todas as escolas brasileiras, sendo elas públicas ou particulares, desde o Ensino Fundamental até o Ensino Médio;

4. A Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) que faz parte das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs). A ERER configura-se um conjunto de temas dos quais deve se ocupar a formação inicial e continuada de professores, especialmente a pensada para a Educação Básica. Seu principal objetivo é que esse conjunto de práticas, conceitos e referenciais forme, no âmbito do ensino público e privado, um currículo com possibilidades transdisciplinares. Essa formação visa a diversidade considerando as especificidades e importância dos povos indígenas e dos negros na formação do povo brasileiro, a educação antirracista e o enfrentamento do racismo nas escolas. É na escola onde crianças e adolescentes constroem os primeiros aprendizados e fazem descobertas sobre a vida. Também lá, dentro dos portões escolares, é onde experienciam situações de preconceitos e violências, principalmente os estudantes negros. Assim, as questões de gênero, raça e etnia atravessam a escola;

5. O Plano Nacional de Educação (PNE 2024-2034) que ainda está em trâmites de discussão e aprovação e contempla a educação antirracista em vários de seus artigos. A educação antirracista é importante para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária levando-se em conta a construção histórica, cultural e social das diferenças.

6. A necessidade da existência de políticas educacionais e culturais afirmativas no âmbito do município, considerando os documentos anteriormente citados. Os desafios, portanto, são justamente na eficácia, implementação e continuidade das importantes políticas afirmativas e legislações já aprovadas.

7. A extensa, significativa e valorosa trajetória profissional e pessoal da professora Sebastiana Maria Vieira no município de Laranjeiras do Sul

Os Conselheiros designados pelo Decreto Municipal nº 037/2024 de 20/05/2024 apresentam para o Poder Público Municipal a seguinte

### **PROPOSIÇÃO**

Que o Centro Municipal de Educação Infantil que será construído no Bairro Presidente Vargas seja nomeado como “**CMEI Professora Sebastiana Maria Vieira**” como forma de reparação histórica da invisibilidade e apagamento de uma importante educadora negra que atuou no município entre as décadas de 1950 a 1980.

Sebastiana foi uma importante professora e intelectual. De naturalidade mineira, seu coração nobre, sua cordialidade, gentileza e sapiência conquistou a população laranjeirense. Era uma pessoa autodisciplinada intelectualmente e refletia sobre o seu trabalho por meio da leitura de materiais educacionais e livros nos quais educadores de renome expunham suas ideias e teorias. Livros comprados com o suor do seu trabalho em sala de aula, conseguindo formar uma significativa biblioteca ao longo dos anos. E, ao refletir sobre o seu trabalho, ela produzia novos conhecimentos e reelaborava os que já tinha internalizado ressignificando suas experiências. Trouxe a importância do letramento para o seio de sua família, educando seus seis filhos com a certeza de que o estudo era a arma mais apropriada para enfrentar o futuro. Para tanto, chegou a mudar-se para o município de Curitiba porque considerava que, em Laranjeiras, os estudos estavam aquém do que seus filhos precisavam à época, considerando que não havia oferta de cursos além dos de formação específica para determinadas profissões e ela queria que seus filhos se preparassem para o Ensino Superior. Essa era uma prática comum entre as famílias mais abastadas de Laranjeiras: quando seus filhos chegavam à adolescência, mudavam-se para Curitiba para frequentar escolas de renome tanto públicas como privadas.

A valorização do trabalho intelectual e educacional exercido pela professora Sebastiana desde o ano de 1950 é uma maneira de, ao mesmo tempo em que se homenageia uma educadora, se questiona o motivo do apagamento de tantas professoras que passaram por nossas escolas e educaram nossos conterrâneos. O ponto de partida é a história. Ela é uma ferramenta que nos ajuda a entender o presente. E essa história é uma construção coletiva. Como chegamos ao nível educacional que Laranjeiras do Sul se encontra hoje? A noção de história local foi constituída na vida e na trajetória dos abnegados professores e agentes educacionais que vieram antes de nós e construíram o caminho que ora percorremos.

Observando o nome de nossas Escolas Municipais (urbanas e rurais) e Centros Municipais de Educação Infantil percebemos que estamos praticando o que alguns autores chamam de “memoricídio”, ou seja, exterminando as memórias e desperdiçando as experiências de pessoas que tanto influenciaram na nossa educação. As memórias dos docentes são silenciadas e precisamos romper com a invisibilidade, a negação e o silenciamento. O nome das professoras é refutado em detrimento ao nome de políticos, comerciantes e industriais locais que são patronos de instituições de ensino municipal mesmo sem ter relação direta nenhuma com a área. Essa prática reforça o apagamento das professoras que, historicamente, compuseram a maioria do corpo docente das antigas escolas primárias.

Nomear escolas e espaços públicos é um ato político e, como político, não é neutro, mas carrega uma intencionalidade que nada mais é do que um mecanismo de dominação das elites em um mundo normatizado como branco, masculino, patriarcal e eurocêntrico. A maioria das nossas crianças da rede pública municipal, especialmente as que frequentam escolas de periferia, apresentam um fenômeno descrito pela pesquisadora Ana Célia da Silva no que se refere ao patrono da escola: “ver-se representado de forma positiva e aproximada do real desenvolve na criança um sentido de existência, de positividade, de pertença às categorias de humano e cidadão, porque ela passa a ver-se como existente nessa representação, que para ela corresponde ao real. Ao reconhecer-se e ser visibilizada, a criança desenvolve o amor ao seu semelhante étnico. Também as crianças de outras raças/etnias começam a ver a criança negra sem os estigmas inferiorizantes, passando a reconhecer suas diferenças sem restrições, respeitando-a e interagindo com ela no convívio escolar e fora dele.” Espelhar-se naquele patrono ou patronesse, ver-se nele ou nela é fundamental para o crescimento emocional e afetivo das crianças. Por isso, faz-se tão urgente e necessário o investimento na construção de políticas públicas contra hegemônicas que indiquem às crianças da periferia que elas também são importantes.

Ao finalizar, cabe ressaltar que, embora seu relacionamento com a educação e a comunidade tenha ocorrido de forma intensa, com uma vida tecida com fios da arte de educar desempenhando papéis de professora em variados níveis de ensino e também cargo de direção, sua história está apenas na memória de seus colegas, alunos e comunidade. Embora mineira, criou laços identitários com a comunidade laranjeirense. Isso porque Sebastiana era uma educadora das massas. Exercia a capacidade de conduzir um grupo não pela força, mas sim por suas ideias. Embora possamos considerá-la como uma das pioneiras da educação laranjeirense desconhecemos qualquer movimento ou ação do Poder Público Municipal em dar-lhe dar visibilidade tanto com Menção Honrosa, título de Cidadania Honorária, título de patronesse de escola ou a simples denominação de uma rua.

O diálogo aqui proposto não dá conta da complexidade que envolve uma vida e as relações que se estabelecem a partir dela. Escrever, mesmo que embrionariamente, sobre a professora Sebastiana Maria Vieira é posicionar-se contra o racismo e preconceito étnico e, ao mesmo tempo, lutar contra o extermínio de suas memórias. Posicionar-se também contra a invisibilidade que atinge não somente ela, mas a maioria das professoras que atuaram no município de Laranjeiras do Sul e cujos nomes não constam nos discursos oficiais e tampouco nas fachadas de prédios públicos. Memórias como a da professora Sebastiana são memórias contra hegemônicas e precisam ser trazidas à tona por pesquisadores comprometidos politicamente. O mínimo, que se espera, é o reconhecimento de sua importância por parte da comunidade e do Poder Público trazendo como patronesse de uma instituição de ensino localizada na periferia, onde vive a população mais vulnerável, o nome de uma grande educadora negra.

Desta forma, solicitamos a apreciação e o DEFERIMENTO de nossa proposição.

Laranjeiras do Sul, 28 de janeiro de 2025.

Lucimara Lemiechek  
Secretária do Conselho

Susete Silva  
Conselheira Titular

Marcos de Siqueira  
Presidente do Conselho

# **PROFESSORA SEBASTIANA MARIA VIEIRA**

## **Dossiê**

**Organizado por Lucimara Lemiechek  
Doutora em Educação  
Conselheira Titular e Secretária do Conselho Municipal de Cultura  
Laranjeiras do Sul-PR**

**Janeiro/2025**

## **SEBASTIANA MARIA VIEIRA: UM BREVE RELATO CRONOLÓGICO**

Lucimara Lemiechek  
Doutora em Educação  
Universidade Federal de Santa Catarina

**28 de setembro de 1924** – nasce no município de Dolores do Indaiá no Centro-Oeste de Minas Gerais. Nos anos 1930 muda-se para Curitiba.

**1944** – conclui o Normal Colegial no Instituto de Educação do Paraná. Criado em 1876, o Instituto é um dos mais conceituados estabelecimentos de ensino do Estado do Paraná.

**24 de maio de 1947**- Casa-se com José Vieira no dia na Catedral Nossa Senhora da Luz, em Curitiba, passando a adotar o nome de Sebastiana Maria Vieira. Seu marido, foi vereador no município de Laranjeiras do Sul.

**1949/1950** - muda-se para Laranjeiras do Sul, na região Centro-Oeste do Paraná também motivada pela criação do Território Federal do Iguaçu (1943-1946), do qual Laranjeiras tinha sido capital e para onde migraram muitas famílias em busca de melhores condições de vida. Salienta-se que era normalista secundária e este era um grau de ensino que só viria a existir em Laranjeiras quase uma década após sua chegada.

**Na década de 1950** – A estrutura educacional do município à época era formado pelo Grupo Escolar Aluísio Maier, o Colégio Vicentino Santa Ana e a Escola Normal Regional Floriano Peixoto. Nesse contexto, por sua qualificação, ministra aulas tanto na Escola Normal Regional Floriano Peixoto, formando as normalistas regionalistas, quanto no Grupo Escolar Aluísio Maier formando os alunos do antigo nível primário.

**Entre 1950 a 1958** – com um coletivo formado na comunidade (Amantino Carlos Stephanes, Ondina Pereira Folda, Arival Natel e Gilson Carvalho entre outros) mobilizou-se para a criação da Escola Normal Secundária. Essa instituição se configura as raízes do atual Colégio Estadual Professor Gildo Aluísio Schuck.

**1958** – com a criação da Escola Normal fez parte do corpo docente da primeira turma de normalistas secundaristas contribuindo com a formação de suas próprias colegas de trabalho no Grupo Escolar que possuíam apenas o Curso Normal Ginásial. Sebastiana era professora de Didática e Prática de Ensino. No ano de 1960, a turma do Normal Colegial em Laranjeiras teve os seguintes concluintes: Adolfo Tomé, Angelina Guedes, Edith Seixas Folda, Jurema

Rocha Cordeiro, Elzi Chandoa, Marilza Andrade Gomes, Nair Brustolin, Ondina Pereira Folda, Silvia Martins Veigant, Isaura Gomes da Rocha Loures e Geni Ortiz Falkemback.

**Entre 1950 e sua aposentadoria** – ministrou aulas no Grupo Escolar Aluísio Maier, Escola de Aplicação, Escola Normal Ginásial Floriano Peixoto e na Escola Normal Colegial Dr. Leôncio Correia. Foi diretora desta última instituição em dois períodos: entre 1962 a 1966 e entre 1973 a 1975.

**05 de maio de 2007** – faleceu na cidade de Laranjeiras do Sul e parte de seus descendentes ainda residem no município sendo pessoas muito respeitáveis e atuantes na comunidade.

Sebastiana Maria Vieira é descrita pelos cidadãos como uma ótima professora, uma dama, uma mulher de gestos delicados e finos que tratava a todos respeitosamente. Possivelmente essas características se devam tanto ao ambiente familiar onde nasceu e cresceu quanto aos bons colégios que frequentou para realizar a educação formal. Era uma mulher negra que andava nas décadas de 1950 e 1960 orgulhosa e altiva, pelas ruas centrais da cidade com sua prole de crianças bem-vestidas e bem-arrumadas. Sebastiana e José Vieira tiveram seis filhos, sendo, pela ordem: José Luis (em memória), Maria Luiza, João Carlos, Terezinha (em memória), Jorge e Geraldo.

Ao finalizar, cabe ressaltar que, embora seu relacionamento com a educação e a comunidade tenha ocorrido de forma intensa, com uma vida tecida com fios da arte de educar desempenhando papéis de professora em variados níveis de ensino e cargo de direção, sua história está apenas na memória de seus colegas, alunos e comunidade. Embora possamos considerá-la como **pioneira da educação laranjeirense** desconhecemos qualquer movimento ou ação do poder público municipal em dar-lhe visibilidade tanto com Menção Honrosa ou título de Cidadania Honorária.

O diálogo aqui proposto não dá conta da complexidade que envolve uma vida e as relações que se estabelecem a partir dela. No entanto, abre possibilidades para novas pesquisas. Escrever, mesmo que embrionariamente, sobre a professora Sebastiana Vieira é posicionar-se contra o racismo e preconceito étnico e, ao mesmo tempo, lutar contra o extermínio de suas memórias. Posicionar-se também contra a invisibilidade que atinge não somente ela, **mas a maioria das professoras** que atuaram no município de Laranjeiras do Sul e que não estão nos discursos oficiais. Memórias como a da professora Sebastiana são memórias contra hegemônicas e precisam ser trazidas à tona por pesquisadores comprometidos politicamente. O mínimo, que se espera, é o reconhecimento de sua importância por parte da comunidade e do Poder Público.

## **Referências**

LEMIECHEK, Lucimara. Aspectos históricos da formação de professores normalistas no município de Laranjeiras do Sul -PR (1946 –1980). Francisco Beltrão: Universidade Estadual do Oeste do Paraná –UNIOESTE. Dissertação de mestrado, 2014.

LEMIECHEK, Lucimara. Grupo Escolar Aluísio Maier: a modernização da escola pública em Laranjeiras do Sul-PR (1941-1975). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina –UFSC. Tese de Doutorado, 2024. 425 p.

## ENTREVISTA

Entrevista realizada no dia 16 de agosto de 2022 em Laranjeiras do Sul – PR.

Maria Luiza e José Luis são filhos de Sebastiana Vieira.

Sirlei, que também participou da conversa é nora, esposa de José Luis.

José Luis Vieira, professor aposentado, faleceu em 2024.

**Pesquisadora:** Por favor, se apresentem dizendo o que fazem e o que fizeram na vida. Quem são vocês, quando e onde nasceram?

**José Luis:** eu sou o primogênito. Sou o primeiro. Sou José Luis Vieira e eu nasci em União da Vitória. A mãe morou lá uma época logo que ela se formou e o pai era empreiteiro de estrada. Naquele tempo o pai trabalhava como empreiteiro, eles faziam aqueles trechinhos de estrada. Tudo manualmente assim. Usavam os burros, os animais, não tinha máquina, não tinha nada. Era tudo na picareta, pá, marreta para fazer as estradas e a mãe morou um determinado tempo lá e eu nasci lá em União da Vitória. E o pai sempre pegando os trechos na estrada. De lá ele pegou outro trecho pra cá no Paraná, mas aqui pra cima. Não lembro direito se era Lagoa Seca...foi Serra da Esperança. Prudentópolis. Ali eles ficaram um ano trabalhando e a mãe ficou lá dando aula lá e morando lá em União da Vitória. Que é Santa Catarina, Porto União, do outro lado.

**Pesquisadora:** será que esse colégio Serapião<sup>1</sup>, que vocês mostraram as fotos, é de lá?

**José Luis:** Eu penso que talvez seja. De lá daí o pai ficou um tempo na Serra da Esperança acho que um ano e pouco trabalhando ali, calçando a estrada ali na Serra da Esperança. Quando chovia os caminhões não subiam então eles fizeram uma calçada. Calçaram com pedra irregular que nem tinha aqui na nossa cidade. Daí o pai foi buscar a mãe porque ficou longe e ele foi buscar a família dele que era eu, minha mãe e a Alice uma prima nossa lá em União da Vitória. Daí nós viemos pra Guarapuava, mas a mãe não quis ficar em Guarapuava. Ele achou uma casa pra nós morarmos em Guarapuava que fica perto da Serra da Esperança. Guarapuava até a Serra da Esperança dá uns 35km. Ficava próximo. Mas a mãe chegou em Guarapuava e achou que a cidade era muito, não abandonada, uma cidade assim...que não via ninguém nas ruas e tal. Ela falava: uma cidade triste. Ela não quis ficar ali e disse: eu prefiro morar no trecho então, no acampamento junto com você e paro de dar aula. Nesse interim o pai pegou outro trequinho na Lagoa Seca, pouco pra cá de Guarapuava, e a mãe disse: então eu prefiro morar no acampamento que você está montando lá na Lagoa Seca que é no Candói. Daí ela veio morar ali nos barracos. Naquele tempo faziam barracos, né? Não é barraco de lona porque não existia lona. Era tudo barraco de pau a pique, tábua de pinheiro lascado. Ali nós ficamos um ano. A mãe morando ali daí parou de dar aula. Ali não tinha escola. Daí o pai pegou outro trecho já no sentido de Laranjeiras. Daí a mãe veio morar

---

<sup>1</sup> Pesquisando em artigos da internet, verifiquei que existiu um Grupo Escolar Professor Serapião do Nascimento em União da Vitória- PR. Tudo indica que foi um dos primeiros estabelecimentos onde ela trabalhou e que as fotos de professores e alunos que estão num dos álbuns da professora Sebastiana identificado como “Serapião” pode se referir a esse estabelecimento.

em Laranjeiras e o pai alugou uma casa aqui perto do Colégio das Irmãs uma casa do falecido José “Guarda Campo”.

**Pesquisadora:** Seu José Henrique de Mattos<sup>2</sup>?

**José Luis:** Isso, seu José Henrique. Falavam guarda campo porque ele guardava o Campo de Aviação. Daí nós viemos morar na casa do seu José Henrique de Mattos e ficamos ali até uns 2 ou 3 anos. Como a mãe era professora e era formada ofereceram pra ela dar aula aqui. O prefeito era...

**Maria Luiza:** Arival ou Alcindo...?

**José Luis:** Alcindo. Parece que era seu Alcindo Camargo.

**Pesquisadora:** Mais ou menos em que ano?

**José Luis:** 195...e 2

**Maria Luiza:** eu nasci em 1950 aqui...

**José Luis:** Eu sou de 1949.

**Maria Luiza:** Já tinha caído o Território do Iguaçu.

**José Luis:** daí nós ficamos morando ali e moramos em outra casa do seu José Gazziero já na mesma quadra, mas do lado de baixo. É ali onde tem aquele prédio do Salão Paroquial. Aonde tem aquele prédio na esquina tinha uma casa do seu José Gazziero. Parece que nós moramos ali mais dois anos...não lembro direito. Daí foram nascendo os irmãos, a Maninha já tinha nascido, o Carlinho já tinha nascido, a minha irmã Terezinha tinha nascido. Dai o pai arrumou uma casa, e ele continuando com os trechos da estrada já estava lá perto do Guarani indo pra Guaraniaçu e vinha todo dia. Ia, as vezes e ficava a semana, voltava...ele sempre teve condução: jipe, caminhão. Daí nós fomos morar numa casa do Território. Ficou todas aquelas casas fechada. Era perto da Delegacia, lá pro lado de baixo, perto do São Lucas.

**Pesquisadora:** Lá também tinha casa do Território?

**José Luis:** Tinha casa do Território. Tinha aquelas casas do Território aqui perto da praça do Cinquentenário. Aquelas eram casas melhores. Ali morava o governador...e lá do lado de baixo, pra lá da Delegacia, tinha umas 8 ou 10 casas, não me lembro, aonde agora é a ASPM<sup>3</sup>. Ali tinha outra fileirinha de casa e daí nós ficamos morando ali. Depois que o pai foi construir a nossa casa perto do Cristo.

**Pesquisadora:** essa perto do Floriano<sup>4</sup> que ainda existe?

**José Luis:** Isso. E tinha o “seu Marinheiro”<sup>5</sup> e nós morava ali.

**Pesquisadora:** seu Marinheiro já tinha a casa ali?

**José Luis:** tinha. Era outra casa. Não a que tem hoje, mas no mesmo lugar. Aí eles ficaram compadres. Um batizava de um lado e outro batizava de outro lado. Eles eram vizinhos, daí formava uma família. Ali nós ficamos até que o pai faleceu.

**Maria Luiza:** antes nós fomos pra Curitiba.

**José Luis:** Ah, é. Nós fomos pra Curitiba. O pai tinha uma casa em Curitiba só pra nós estudar. Uma casa no Água Verde na Rua D. Pedro I de esquina. Ele construiu uma casa só pra nós estudarmos. Meus pais valorizavam muito o estudo. Queriam que nós tivesse estudo.

**Pesquisadora:** eu pesquisei nos jornais e tem uma reportagem de Laranjeiras se despedindo da professora Sebastiana que está indo embora pra Curitiba. Mas então voltaram?

---

<sup>2</sup> De família tradicional em Laranjeiras, José Henrique de Mattos era conhecido como “guarda campo” porque, nas suas terras ficava o antigo campo de aviação de Laranjeiras do Sul do qual ele tomava conta.

<sup>3</sup> Sede da Associação de Servidores Públicos Municipais.

<sup>4</sup> Refere-se ao Colégio Floriano Peixoto (antiga Escola Normal Ginásial).

<sup>5</sup> Refere-se a Otto Ernesto Max Monich. Migrante do RS, chegou em Laranjeiras na década de 40 ou 50, era cartorário e formou família tradicional na cidade com muitos descendentes.

**José Luis:** Voltamos.

**Maria Luiza:** Voltamos porque o pai se sentiu muito sozinho longe de nós, dos filhos.

**José Luis:** A viagem era muito longa para ele e ele acho que já não estava se sentindo muito bem de saúde e a mãe disse: vamos voltar então.

**Pesquisadora:** vocês todos adultos e eles foram os dois? É isso?

**José Luis:** Não. Fomos todos nós, menos o pai. Maior não era nenhum ainda. Eu tinha 17,18 anos e eu estava estudando e no quartel. Eu fiquei lá e eles voltaram. Voltamos e a casa ele tinha vendido, aquela perto do "seu Marinheiro". Daí bem depois que ele faleceu nós compramos esta casa do Dr. Valmir e da Dolores.

**Pesquisadora:** eles moraram aqui?

**José Luis:** moravam.

**Maria Luiza:** todos esses terrenos aqui eram até lá nossos (aponta a vizinhança).

**José Luis:** O Dr. Valmir fez a casa aqui porque o seu Muricy e a dona Isaura<sup>6</sup> moravam ali (aponta para a esquina). Ela era professora também. Daí a maninha foi pra faculdade...

**Pesquisadora:** e você estudou? Chegou a fazer graduação?

**José Luis:** fiz faculdade em Guarapuava. Fiz Ciências e depois fiz complementação em Química.

**Pesquisadora:** e chegou a ser professor?

**José Luis:** fiquei 32 anos, me aposentei na sala de aula.

**Maria Luiza:** mas o sonho dele não era esse. Era médico. Ele não quis.

**José Luis:** não é que não quis. Daí o pai faleceu e eu sou o mais velho. O pai tinha um monte de negócios de terra, de pinheiro e serraria e a mãe não entendia nada dos negócios. E o resultado? O pai antes de morrer teve que fazer uma empresa e me emancipou porque eu tinha 17,18 anos e tiveram que me emancipar para ele construir uma empresa e pôs tudo nessa empresa pra ficar mais fácil daí a divisão. Ele imaginou que ele ia morrer.

**Maria Luiza:** ele era louco de inteligente.

**José Luis:** daí me emanciparam e eu podia ter estudado porque a mãe tinha condições pra eu fazer medicina. Mas eu desisti porque eu achei que não tinha condições: tenho que cuidar lá, das coisas. Foi pior, porque a gente não sabia nada.

**Maria Luiza:** era muita coisa que o pai deixou e daí o Luisinho não tinha condições de administrar...

**José Luis:** a gente depende muito dos outros porque não sabia de nada.

**Maria Luiza:** e os outros passaram a perna porque ele era um rapazinho. É isso a nossa história, um pouco triste.

**José Luis:** depois fomos perdendo muita coisa assim, sabe? Muito dinheiro que tinha. Meu pai quando morreu deixou muito dinheiro e bastante patrimônio

**Maria Luiza:** e sem dívida, minha filha.

**José Luis:** Resultado? Fizemos aplicações e fundos e tal e fomos perdendo naquelas inflações altas. O dinheiro que nós pusemos em Banco Bamerindus, sumiu. Foi em 70 e pouco. Fundo de investimentos, ações de empresas. Nós tínhamos ações de Petrobrás, Banco do Brasil, fomos perdendo tudo.

**Maria Luiza:** Nós perdemos tudo, gente do céu! Era quase um império o que o pai deixou porque muitos impérios vão à ruína. Tem gente que diz: é, botaram tudo fora. Eu digo: não!

---

<sup>6</sup> Muricy e Isaura Rocha Loures. Ele advogado, ela uma das primeiras professoras do município. Isaura foi aluna da primeira turma do Normal Colegial do qual Sebastiana foi professora. Muricy e Isaura eram pais de Valmir que foi advogado e prefeito em Laranjeiras.

Negócios, gente. Pra que mais ricos que os Matarazzo em São Paulo e foram à ruína, a falência. Por que a gente não pode ir? Só que é triste, né?

**José Luis:** a vida é assim...por que naquele tempo o professor ganhava bem. Eu me lembro que a mãe mantinha nós. O pai não usava o dinheiro dele. A mãe usava só o dinheiro da escola.

**Maria Luiza:** como o professor era valorizado naquela época! O dinheiro da mãe dava pra cobrir tudo. O pai só comprava outras coisas que era mais caro, fazia patrimônio. O professor era um doutor naquele tempo. Até no meu tempo de professora também, eu tive um tempo, né Luizinho, a gente tinha muita valorização. Depois que a gente tinha perdido muita coisa, o meu dinheiro e o da mãe dava pra muita coisa. Eu coloquei meu sobrinho mais velho na escola onde rico estudava. Você veja o professor como era valorizado. Hoje o professor...

**José Luis:** só os universitários que ganham bem.

**Maria Luiza:** não. Não estão bem. Não ganha aquelas coisas mais.

**Entrevistadora:** e você, professora, se formou em que?

**Maria Luiza:** eu nasci em Laranjeiras do Sul, em 19 de dezembro de 1950. Estudei no Santana<sup>7</sup>, estudei no Grupo Escolar Laranjeiras<sup>8</sup>, fiz o Magistério, escola Normal, fiz cursinho em Cascavel e fui cursar História. Aí não quis cursar em Guarapuava, fui cursar em Palmas. A minha é Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Palmas.

**Pesquisadora:** a professora Ondina<sup>9</sup> também estudou lá...

**Maria Luiza:** sim! Mesmo ano em que ela formou em Letras eu formei em História. E a Lígia saiu antes, bem antes. Sofrida a estrada! Aqueles atalhos davam trabalho. A Lígia dirigia, eu também dirigia na época, ia com o carro dos irmãos, emprestava, pneu lameiro. Meu deus, não era fácil. Foi difícil mas conseguimos. Hoje tem mais facilidade, né?

**Pesquisadora:** e como o pai e a mãe se conheceram?

**Maria Luiza:** são famílias conhecidas de Minas Gerais. Eles vieram de lá.

**José Luis:** mas eles não se conheceram lá, porque lá eles moravam bem longe um do outro. O pai é de Conselheiro Lafaiete, sul de Minas, e a mãe de Dolores do Indaiá, quase norte de Minas, pro lado de Montes Claros. Mas eles se conheceram no Paraná porque o meu avô, o pai da mãe, também foi empreiteiro. Fazendo estrada também. Por isso se conheceram. Eles vieram vindo de Minas para São Paulo e de São Paulo para o Paraná. E eles se conheceram assim. E, naquele tempo, quem fiscalizava e quem fazia as estradas federais era o Exército, que tomava conta de toda a malha rodoviária brasileira. Então eles se reuniam junto com os militares nos quartéis, no departamento de engenharia. E lá, eles se encontravam, os empreiteiros. E se encontraram...

**Maria Luiza:** a mãe já era formada. A mãe se formou com 20 anos.

**José Luis:** ela se formou bem nova. E o pai era semianalfabeto e não estudou mais tarde.

**Entrevistadora:** ela foi cedo pra Curitiba? Bem jovem?

**Maria Luiza:** bem nenê. Durante a Revolução de São Paulo, vieram fugidos. Daí depois o avô era rico lá. Ele tinha indústria de macarrão e deixou tudo lá com um compadre. Nunca mais ele voltou e daí entrou na estrada...

**Entrevistadora:** então o avô tinha posses, era um homem de posses e a mãe conseguiu estudar?

---

<sup>7</sup> Escola Vicentina Santa Ana fundada em 1938 e ainda em atividade. Instituição de natureza privada.

<sup>8</sup> Mais tarde, Grupo Escolar Aluísio Maier.

<sup>9</sup> Ondina Pereira Folda que chegou em Laranjeiras ainda durante o Território e cursou as 3 séries da Escola Normal Regional no ano de 1946.

**Maria Luiza:** a mãe estudou, naquele tempo, no colégio das irmãs da Divina Providência, um colégio particular bem central em Curitiba. Rua do Rosário. Não existe mais ali, transferiram para outro lugar. Eu estudei ali na divina providência também ali. Estudei na divina providência quando moramos em Curitiba. Pouco tempo e daí já voltamos para Laranjeiras.

**José Luis:** e daí se encontraram e casaram.

**Maria Luiza:** meu avô não queria o casamento com meu pai. Que a filha dele casasse com meu pai. Porque meu pai não era rico. E ele era.

**José Luis:** mas o pai já era trabalhador.

**Maria Luiza:** era trabalhador, mas não era rico.

**José Luis:** é ele já vinha de uma descendência melhor. Sempre tem esses preconceitozinhos. Já tinha.

**Maria Luiza:** e tinha um cara lá mais estudado e tal. Era um italiano que gostava da mãe. Naquele tempo o cara era apaixonado por você e não se declarava. Hoje não: se declara, tem até a internet. E o vovô Amâncio decerto sabia por isso queria. E ele era estudado. Era engenheiro, o pai não era. O vovô dizia: esse arigó vai casar com a minha filha? Mas acabou consentindo. (risos)

**Pesquisadora:** e o pai e a mãe tiveram 5 filhos?

**José Luis:** 6

**Pesquisadora:** qual é a ordem de nascimento dos filhos?

**José Luis:** O Luiz, a Maria, o João Carlos, a Terezinha, o Jorge e o Geraldo. Duas mulheres e quatro homens e, de todos, só a Terezinha faleceu. Somos em 5.

**Entrevistadora:** e o pai faleceu de que?

**José Luis:** o pai deu cirrose hepática. Na juventude dele ele teve hepatite. Ele ficou com o fígado fragilizado e naquele tempo não tinha muito recurso e nem medicamento. E ele não bebia, mas ele gostava de comida gorda, sabe? Carne, leite...a pessoa que tem problema de fígado tem que ter uma certa dieta alimentar, não pode comer qualquer coisa. O pai era gordo e forte. Você não conheceu ele porque o pai faz mais de 50 anos que faleceu. Foi em 69. O pai era forte...

**Maria Luiza:** a mãe que era doentinha, frágil...a mãe tinha enxaqueca.

**José Luis:** e o pai dali a pouco ele começou a se sentir mal, ele foi pra Curitiba, voltou, fizeram a cirurgia e já morreu.

**Maria Luiza:** foi um mês em Curitiba, você tava estudando lá. Daí um mês em Curitiba e um mês aqui. Férias, me lembro bem. Julho, agosto e setembro ele faleceu. No dia 05 de setembro de 1969.

**José Luis:** Apareceu a cirrose, pronto. Fizeram a cirurgia, viram que tinha a cirrose. Não tinha mais o que fazer.

**Maria Luiza:** naquele tempo, abriam e fechavam. Só que eles não diziam que a pessoa ia morrer.

**José Luis:** o pai fumava um cigarrinho, mas beber, nada. Mas o pai gostava de coisa gorda e tal e as vezes a mãe falava: zé, faz mal, você já tá gordo, essas coisas gordas e tal. Mas ele gostava. Morreu feliz comendo o que ele queria (risos). Decerto só ficou triste porque ele tava novo ainda, e ele falava: eu vou deixar esses negrinhos tudo se batendo...

**Maria Luiza:** ele falou pra mãe na tarde que ele morreu ele falou assim pra mãe: hoje você não vai pra escola, nenê. Chamava a mãe de nenê, que eu sonhei com a minha mãe, com a mãezinha dele, e com Nossa Senhora que ele era muito devoto. Que elas vem me buscar.

**José Luis:** É eu acho que a pessoa quando está em uma convalescência assim, ele pressente que ele vai, né? Vai perdendo a força e naquele tempo quem era? Era o doutor...Reginaldo e o doutor Felipe que cuidavam dele. Daí o doutor Reginaldo falou com ele e tal, mas ele viu que não tava mais...eram bem novinhos o doutor Felipe e o doutor Reginaldo.

**Maria Luiza:** o pai não reagia.

**José Luis:** não reagia.

**Maria Luiza:** daí eles acompanharam o pai até o último instante. Ele não reagia. Nem uma injeção, nada, nada.

**Pesquisadora:** e daí a mãe ficou com as crianças? O mais velho tinha...

**José Luis:** 17 anos. Ia fazer 18. A maninha (Maria Luiza) tinha uns 16 porque nós somos todos próximos. Um ano e pouco e daí foi alongando. E ela dando aula...

**Pesquisadora:** ela dava aula período integral?

**José Luis:** só meio expediente.

**Pesquisadora:** sempre a mãe deu aula meio período ou foi apenas nessa época?

**Maria Luiza:** sempre. O pai nunca consentiu que ela trabalhasse o dia todo fora.

**José Luis:** mas acho que ela tinha que cuidar dos filhos também...e aquela filharada. Tinha empregada...

**Maria Luiza:** era uma mãe muito dedicada. Uma mãe amável, dedicada.

**José Luis:** a mãe gostava tanto de leitura, sabe? Não sei como ela arrumava tempo pra tudo. Para ler, para ouvir a gente.

**Maria Luiza:** naquele tempo não tinha essa de comprar pronto as coisas. Pense, ela fazia pães na casa. Fazia 4 pães e ia tudo num dia só. E cuca e essas coisas. A mãe era muito caprichosa.

**Pesquisadora:** E a época em que ela foi diretora? Ficou meio período também?

**José Luis:** meio período também. Naquele tempo podia.

**Maria Luiza:** e o pai não consentia também...

**José Luis:** não é que não consentia acho. Era que não tinha tempo.

**Maria Luiza:** a mãe era muito visada porque foi uma das primeiras normalistas que chegou. A mãe foi convidada.

**Pesquisadora:** ela foi convidada para dar aula no grupo primeiro?

**Maria Luiza:** foi no grupo. Não tinha outra escola. Tinha o Instituto Santana só.

**Pesquisadora:** é, naquele tempo escola de centro eram essas duas.

**Maria Luiza:** e eu me lembro era tudo aquelas barba de bode. Eu ia pro colégio das irmãs tinha minha amiguinha a Rosa Maria Raizer, tinha um grande comércio o pai dela. O pai dela tinha um armazém de secos e molhados...tinha de tudo. Pegava aquelas gasosa, garrafa de gasosa, escondia e depois voltava buscar. Ninguém pegava. Era carreiro! Eu tinha medo daqueles carreiros. Eu tinha medo dos tarados. Mas graças a Deus um tarado nunca me pegou. (risos) Porque até hoje tem tarado...como é que aquele tempo era tudo capoeira, e mato...guamirim. A gente comia tanto guamirim!

**José Luis:** Na frente de casa ali era um guamirinzal. Ali onde é o Floriano era tudo guamirim, mato, mato...

**Pesquisadora:** E a mãe ficava em casa então esse meio período e ela fazia tudo em casa?

**José Luis:** fazia tudo, mas sempre tinha alguém que ajudava.

**Pesquisadora:** e quando a mãe preparava as coisas da escola?

**Maria Luiza:** no quarto, ela fechava a porta. A gente tinha disciplina.

**José Luis:** ah, quando ela fechava. Naquele tempo os filhos eram mais disciplinados. Quando a mãe ia fazer o trabalhinho dela de escola, quando ela ia corrigir alguma coisa, rever documento...e apanhava, então não ia incomodar.

**Maria Luiza:** eu nunca levei um tapa dela. Levei uns safanão, mas não de bater...de chacoalhão. Maria Luiza! Quando ela ficava brava chamava Maria Luiza quando ela tava boa era Maninha. O troço não tava bom pro meu lado...Maria Luiza. Mas nós era tudo disciplinado, menina! Uma organização que hoje eu sou sozinha e penso: nossa, tá bagunçado! Era uma disciplina nós. A mãe, olha, falava uma vez. A ordem, a ordem no meu quarto. Eu e a minha irmã dormia junto. O guarda roupa. Menina, se tirasse uma calcinha do lugar! Eu tinha uma gaveta só pra mim, outra pra minha irmã ela assim...tapete, cortina, a mãe gostava dessas coisas. Mas tudo na ordem, como é que pode?

**Pesquisadora:** ela era organizada e exigia organização de vocês?

**Maria Luiza:** Nossa! Que disciplina.

**José Luis:** os filhos não deram muito bom, mas não foi por causa da mãe (risos).

**Maria Luiza:** eu não chego num dedo dela.

**José Luis:** a mãe...vc não chegou a conhecer a mãe, né? Era uma diplomacia pra conversar. A gente é mais rude assim.

**Pesquisadora:** todas as pessoas que eu entrevistei pro mestrado e que falaram dela todo mundo dizia da mesma forma: ela era uma lady.

**José Luis:** postura, a mãe não falava alto, não era pessoa gritona. O pai já era meio brutão. Ela sempre puxava um pouco ele mas não adiantava.

**Maria Luiza:** Mas assim...nunca vi meus pais discutindo.

**José Luis:** a mãe tinha essa postura. Porque a gente hoje discute um com o outro. Se discutiam era sozinho, no quarto, a gente não via.

**Pesquisadora:** e a mãe falava dos colegas da escola?

**José Luis:** ela sempre falava dos colegas dela de escola. Naquele tempo era difícil a comunicação, né? Carta. Ela falava muito das colegas que ela deixou em Curitiba.

**Maria Luiza:** Mas vinha no jornal, ela sempre lia no domingo. A mãe dizia olha filha, uma colega minha morreu, outra está fazendo festa. Ela acompanhava pela Gazeta<sup>10</sup>. Tanta história boa, tanta história linda.

**Entrevistadora:** ela não gostou de Guarapuava e porque ela gostou de Laranjeiras?

**Maria Luiza:** ela não gostou de Guarapuava porque era muita fazenda ali, o povo fazendeiro e as casas ficavam todas fechadas porque eles ficavam nas fazendas. Muita gente assim aleijada, pessoa com deficiência. A mãe disse que parecia uma cidade fantasma. A mãe disse aqui eu não fico.

**José Luis:** as casas tudo fechada. Chegaram num dia de semana e cadê o povo dessa cidade? Eles iam trabalhar nas propriedades e voltavam nos fins de semana. Ela tava acostumada com gente. Curitiba, União da Vitória, escola.

**Maria Luiza:** daí o pai disse: então vamos pra Laranjeiras do Sul? Deve ser uma cidade bonita porque foi capital do Território Federal. Daí a mãe também se assustou bastante aqui. Não tinha nenhuma panificadora. Quem ensinou a mãe a fazer pão foi a mãe do padrinho Mario, a Estacha<sup>11</sup>. Fazer pão. Não sabia e não tinha. O pai trazia as frutas todas de Ponta Grossa.

**Pesquisadora:** e ela sabia fazer coisas com fios, tricô...

---

<sup>10</sup> Refere-se ao jornal paranaense Gazeta do Povo.

<sup>11</sup> Refere-se a Stanislava Zempulski mãe de duas grandes professoras laranjeirenses: Anastácia e Terezinha.

**Maria Luiza:** fazia tricô, crochê, coisa mais linda, bordava ponto cruz. Eu não sou prendada assim. A minha falecida irmã era prendada, eu não sou. Eu gostaria de ser mais prendada, mas não sou. A mãe era.

**Pesquisadora:** E a mãe tinha livros em casa?

**José Luis:** muitos! Biblioteca sempre. Minha mãe nos incentivava a ler e a estudar. Nem todos obedeceram (risos).

**Maria Luiza:** eu tive que me desfazer de milhões de livros depois que a mãe morreu, mas o que eu ia fazer? O que eu vou ficar com isso tudo amarelado? Muito foi dado pras escolas. Tem os Milenios que é de História...muitas coleções.

**José Luis:** a mãe comprava coleções. Barsa, sabe? Essas de aula.

\*Nesse momento nos levantamos e ela me leva numa sala onde, em duas estantes, ainda estão livros comprados por Sebastiana e eles falar sobre eles.

**Pesquisadora:** e para o trabalho, para dar aula? Ela comprava?

**Maria Luiza:** sim. Era tudo comprado. Hoje não dão mais valor. Tava amarelando e eu chorando e levando ali pra frente. A mãe gostava de comprar muita coisa. A mãe gostava de bolsa e sapato. Ela combinava o toilete completo. Luvras ela gostava para passear na XV<sup>12</sup>. Chique, chique. A mãe era muito chique. Eu não sou chique, Lucimara. (risos).

**Pesquisadora:** as pessoas falam assim que ela era chique e que andava com vocês todos arrumados. Todos arrumados, aquele monte de crianças....

**Maria Luiza:** trancinha assim, fitinha. O capricho de uma mãe, por favor! Quem dera as mães fosse assim amadas e dedicadas.

**Pesquisadora:** e daí do grupo escolar ela foi pra escola normal. Como foi?

**Maria Luisa:** aquilo era tudo indicado politicamente, não é como hoje votos ou concurso. Eu também fui diretora indicada lá no Guarani da Estratégica<sup>13</sup>. Foi bom eu lecionava no Barreiro<sup>14</sup> e vivia com problema de garganta, de voz assim...se não era pó, era barro. Daí o falecido dr Valmir, ele era prefeito, ele me indicou e era asfalto, saí do poeirão. Daí fiquei com 20h na direção e 20h na sala de aula. Viajava 45 km de ônibus e aqui no Érico eu chegava a noite. Eu tinha direção lá e aula aqui na cidade.

**Pesquisadora:** mas lá não era escola do Estado? Como o prefeito indicava?

**Maria Luiza:** era extensão. Lá eu tive muito trabalho porque era primário lá também. Tive que assumir o primário também. O município. Eu tinha que trabalhar sábado e domingo. Não tinha feriado ou dia santo. Eu era magrinha de tanto andar pra lá e pra cá. Batendo tudo à máquina, os trabalhos, os documentos e levar pra Inspetoria. Naquele tempo não era Núcleo<sup>15</sup>. A professora Marilu era chefe não era do Núcleo, era da Inspetoria naquele tempo.

**Pesquisadora:** Quanto a sua mãe, essa questão da delicadeza, de se portar, talvez se deva a educação em colégio de freiras e à escola normal.

**José Luis:** e a mãe sabia discutir muita coisa. Ela lia bastante então tinha uma cabeça muito aberta pra bastante coisa. Às vezes eu tinha uma dúvida: perguntava pra mãe. E depois que eu já tinha estudado e tal.

**Sirlei:** ela sempre de sainha, sapatinho e meia fina, sabe?

---

<sup>12</sup> Rua principal da cidade.

<sup>13</sup> Ex-distrito de Laranjeiras do Sul

<sup>14</sup> Ex-distrito de Laranjeiras, atual município de Porto Barreiro.

<sup>15</sup> NRE: Núcleo Regional de Educação é o órgão de controle subordinado à Secretaria de Educação do Paraná. Os núcleos substituíram as Inspetorias Regionais de Educação no ano de 1983.

**José Luis:** e calça comprida nunca. A mãe acho que não usava calça comprida...de vez em quando, Maninha?

**Maria Luiza:** não. Nunca vi. Só calça quando era pra pescar, assim, essas coisas...

**Pesquisadora:** A mãe de vocês foi uma das pessoas que articulou para a criação da Escola Normal Secundária em Laranjeiras. Foi professora da primeira turma.

**Maria Luiza:** a mãe era professora, deixa eu lembrar, das matérias...tinha uma matéria...

**Pesquisadora:** Didática e Prática de Ensino?

**Maria Luiza:** também, mas uma de formação para o lar, assim educação para o lar, no magistério. Ensina muito as meninas a fazer coisas para o lar.

**Pesquisadora:** e ela se aposentou quando? Lembra?

**Maria Luiza:** não lembro. O pai faleceu em 69 e ela lecionou mais um pouco ainda...

**José Luis:** Mas ela já tinha tempo não sei porque ela continuava.

**Maria Luiza:** 35 anos a mãe trabalhou. Eu trabalhei 30 e a mãe trabalhou 35.

**José Luis:** o tempo que ela foi pra Curitiba que a família foi toda pra estudar ela continuou dando aula. Ela dava aula no Lysimaco Ferreira da Costa<sup>16</sup>.

**Maria Luiza:** depois ela saiu dali e foi pra outro órgão. Outra instituição...

**Pesquisadora:** foi transferida?

**Maria Luiza:** não. Foi a pedido do Anibal Khury<sup>17</sup> que era muito amigo do pai. Foi político. Tirou a mãe dali porque a mãe tava se esgotando. Filho de papai lá, não era fácil dar aula. Saiu da Lysimaco foi pra...que só trabalha com material pedagógico. Saiu porque estava com esgotamento nervoso. Era um trabalho mais administrativo.

**Pesquisadora:** mas na sala de aula ela ficou muito tempo e na direção também, né?

**Maria Luiza:** Ela foi secretária também da Escola Normal. Bem no início da escola.

**Pesquisadora:** e ela falava dos colegas de trabalho dela e da escola?

**José Luis:** ela não comentava da escola pra nós. Ela separava bem. A mãe não era de misturar. Ela nunca comentou assim: hoje não deu certo. Nunca a mãe falou assim pra nós: hoje filho eu estou cansada porque, nada. Ela gostava daquilo.

**Maria Luiza:** assunto de lá, era lá...chegou em casa, esquece. Eu já queria trazer. Muitas vezes eu queria ajudar e ela dizia: minha filha, agora esqueça. Agora é a casa.

**Pesquisadora:** e como a mãe faleceu?

**Maria Luiza:** Ah...ela teve Alzheimer.

**José Luis:** ela teve Alzheimer. Ela ficou 5 anos, a Maninha cuidou dela. Ela apagou. Nos últimos dias. A mãe sempre teve enxaqueca, daí ela fez uma cirurgia da vesícula.

**Sirlei:** daí eu fui buscar ela no hospital e parei em frente a farmácia Real, a Maria Luiza desceu pra comprar o remédio e eu fiquei com ela no carro. Até ali ela veio bem, daí ela olhou, olhou e falou: minha filha, onde é que nós estamos? Onde que é essa cidade?

**Maria Luiza:** parece que acelerou. A anestesia acelerou.

**Sirlei:** aí a gente já veio e já viu que ela não tava bem. Dali em diante pronto...

**Maria Luiza:** mas ela tinha momentos de lucidez porque ela dizia assim: filha, o que que me deu que eu estou me esquecendo de tudo? Eu dizia: mãe, a senhora está com depressão e a gente tá tratando. Mas ela sabia que alguma coisa.

---

<sup>16</sup> Instituição referência no Estado do Paraná. Inaugurado em 1936 com o nome de Escola Isolada da Água Verde e depois Casa Escolar da Água Verde. Em 1939 passou a se chamar Escola Reunidas da Água Verde e em 1940, Grupo Escolar da Água Verde. A mudança definitiva aconteceu com o Decreto n.º 2.268, de 29 de janeiro de 1946 que instituiu o Grupo Escolar Lysimaco Ferreira da Costa. Atualmente é o Colégio Estadual Lysimaco Ferreira da Costa.

<sup>17</sup> Influente político paranaense natural de União da Vitória onde morou até 1959. Provavelmente, da passagem da família Vieira por União da Vitória seja essa ligação de amizade.

**José Luis:** nós levamos ela no Dr. Libero<sup>18</sup> e ele fez uns testes e já viu. Só assim de conversar, fazia umas brincadeiras: ah, dona Sebastiana...esse relógio aqui da senhora que marca que é? Já viu que ela tava mal. Dali a pouco ele perguntava de novo do relógio e ela dizia: será que eu esqueci? A anestesia parece que disparou, acelerou.

**Maria Luiza:** tão lida! Porque as pessoas dizem que as pessoas cultas são menos propensas...por mais que a minha mãe lia! A minha mãe era uma pessoa lida.

**José Luis:** a gente chegava aqui, ela não tinha o que fazer, estava lendo.

**Sirlei:** ela tinha uma cadeirinha aqui de balanço. Ela estava sempre lendo.

**Maria Luiza:** eu chegava da escola, ia lá na frente encontrar a mãe (na outra sala) ela estava sentada no sofá lendo. Não tem nada a ver com leitura.

**Pesquisadora:** Daí ela ficou uns 5 anos assim?

**Maria Luiza:** sim, mas foi piorando. Chegou um tempo daí ela não andou mais. Daí ela caía. Levava cada tombo! Um dia eu tava aqui limpando ela tava indo no banheiro...eu tinha tudo escrito com a plaquinhas “banheiro” e tal. Daí eu corria levantar. Ainda bem que a mãe nunca fraturou nada, mas levava cada tombo! Depois ela não andou mais...era só com o auxílio da gente, foi pra cama e daí...

**José Luis:** foi apagando assim...o Alzheimer é triste.

\*Depois houve um conversa sobre o projeto que permite apenas nome de educadores nas instituições a serem criadas, os nomes que já existem, outras coisas e dispersou-se um pouco o assunto.

**Pesquisadora:** Por isso eu falo pra vocês que a gente tem que se movimentar. O ano que vem é centenário de nascimento de Ondina, em 2024 centenário de nascimento da mãe de vocês. Tem que mostrar: minha mãe fez isso, e isso...minha mãe foi uma das primeiras normalistas. Não foi uma das primeiras professoras negras em Laranjeiras do Sul?

**José Luis:** sim, também. Aqui não tinha.

**Pesquisadora:** não foram uma das primeiras famílias de negros que chegaram?

**Maria Luiza:** sim, famílias negras.

**José Luis:** e uma das primeiras, quase pioneira. Não pioneira porque tem as famílias antigas, mas era uma das...

**Maria Luiza:** de negros sim! Pai bonito, mãe bonita. Negros bonitos.

**Pesquisadora:** mas as pessoas não sabem. Por isso nós precisamos preservar essas memórias. Então, a gente precisa corrigir esse erro, como eu coloquei lá na justificativa do projeto. É um erro colocar nomes aleatórios nas escolas. Eu penso que a mãe de vocês e a professora Ondina merecem mais do que nome de rua: merecem nome de instituição.

**Maria Luiza:** merecem! Como tudo era difícil, sacrifício. Tinha que ir a Curitiba. Aqui não tinha nada. Muitas viagens a mãe fez a Curitiba. Agora tudo é mais fácil, resolve no Núcleo. Naquela época não era. Tinha que levar documento.

**Pesquisadora:** Como é a questão da religião na família?

**Maria Luiza:** a mãe era católica. Há exceções: o Geraldo é evangélico. Numa circunstância da vida, tanto ele quanto a esposa foram para a igreja evangélica. Meus pais eram de frequentar a igreja. Minha mãe ia todo domingo e criou todos os filhos na igreja católica. Meu pai era devoto de Nossa senhora Aparecida e sonhou, naquela tarde, que ela vinha buscar ele.

---

<sup>18</sup> Líbero Mezzadri Neto, médico psicanalista de Guarapuava – PR.



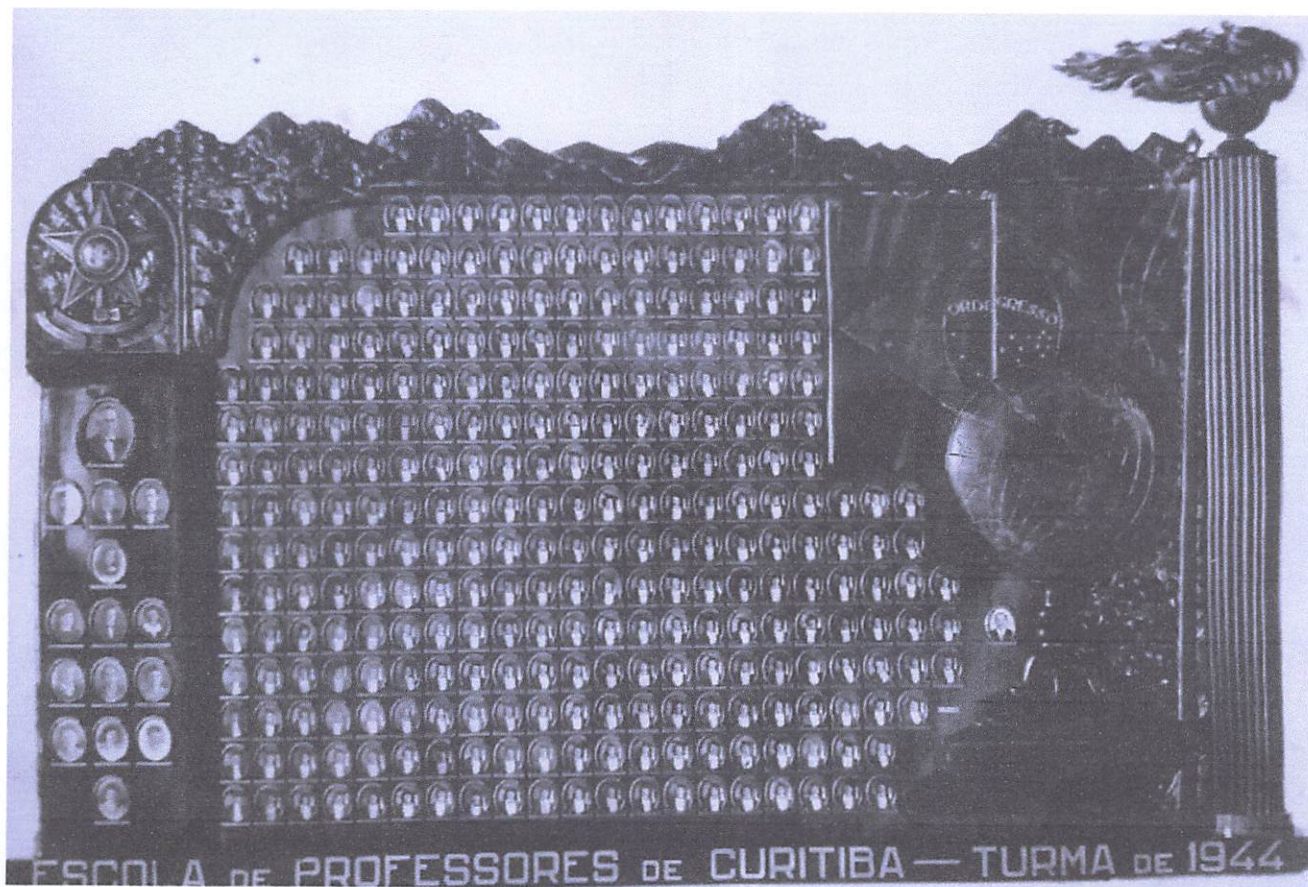
1936 em Curitiba, Sebastiana (segunda à direita) com sua mãe e familiares



Em 1945, com amigas, trajada para uma pescaria.



Em 1944, formatura da Escola Normal Colegial (Escola de Professores de Curitiba).



Quadro dos formando de 1944 da Escola de Professores de Curitiba.



Em 1946 ao lado de amigas da Escola de Professores de Curitiba.



Sebastiana, já em Laranjeiras do Sul, e seus três primeiros filhos: José Luis, Maria Luiza e João Carlos.



Inauguração do Grupo Escolar no dia 10 de setembro de 1956. Na imagem estão, a partir da esquerda, as professoras: Juraci Sá, Sebastiana Maria Vieira, Erondina Penteado Roseira, Clarisse Fontanella, Eugenia Laderuski Zempulski, Alzira Trindade Stocchero (diretora), Ondina Pereira Folda, Esther Araújo Cordeiro, Lidia Yaremtchuk Mussak e Herminia Teresa Bedin Cordeiro.

Possivelmente no início da década de 1960, na casa que existe até hoje em frente ao Colégio Floriano Peixoto, os seis filhos de Sebastiana: José Luis (em memória), Maria Luiza, João Carlos, Terezinha (em memória), Jorge e Geraldo.

